

ARQUITETURA E URBANISMO

REVISTA BIMESTRAL — ANO I — MAIO E JUNHO DE 1936



S U M A R I O

MISSATO
RAUL UNO.
TARSILA
(n. 3)

- I N A U G U R A L — Cipriano Lemos
- N O V O S H O R I Z O N T E S — A. Vasconcellos Jr.
- S O C I E D A D C E N T R A L D E A R Q U I T E C T O S — A. Vasconcellos Jr.
- A R Q U I T E T U R A H O S P I T A L A R — Cipriano Lemos
- M O N O G R A F I A D O H O S P I T A L A L E M ã O — A. Szilard
- F O L H A S D E I N F O R M A Ç ã O — A. Szilard
- I N S O L A Ç ã O N O R I O — F. J. dos Santos Werneck
- R E S I D E N C I A — Paulo Antunes Ribeiro
- R E S I D E N C I A — Eduardo Souto de Oliveira
- R E S I D E N C I A — Machado & Freud
- I G R E J A D A U R C A — Faro Filho
- D E C O R A Ç ã O E M O B I L I A R I O — W. Alves de Souza
- B O L E T I M D O I N S T I T U T O D E A R Q U I T E T O S D O B R A S I L
- N O T A S © C O M E N T A R I O S © B I B L I O G R A F I A — Ricardo Antunes
- T R A B A L H O S D O C U R S O D E A R Q U I T E T U R A D A E. N. B. A.
- T R I B U N A L I V R E — Diversos

DIRETOR
CIPRIANO LEMOS

SECRETARIO
E. XAVIER DO PRADO

TESOUREIRO
RAUL CERQUEIRA

CONSELHO-TECNICO
CIPRIANO LEMOS — AUGUSTO DE VASCONCELLOS J. OR — PAULO NUNES PIRES
ADALBERT SZILARD — RICARDO ANTUNES J. OR

DIREÇÃO E PUBLICIDADE - QUITANDA 21 - RIO

A direção não se responsabiliza pelas opiniões emitidas em artigos assinados

ARQUITETURA E URBANISMO 1
MAIO E JUNHO DE 1936

Submetendo a presente revista á apreciação dos arquitetos e da parte culta da sociedade brasileira, cumpria-nos fazer-lhe a apresentação. Entretanto, temos por escusado — e até descabido — dizer de sua alta finalidade, por isso que ela vem a público sob a égide do Instituto de Arquitetos do Brasil.

Assim, o que importa registrar nesta página inaugural, são os precalços da nossa tzeréfa, para que se nos dispense a devida indulgência.

Sobre a necessidade de uma revista de arquitetura, similar ás congêneres sul-americanas, eram acordes todos os arquitetos. Contudo, alguns dissentiam dessa iniciativa, temerosos de não encontrar, no Brasil, matéria interessante para um periódico deste gênero. E' que nesta cidade e na de São Paulo — principais centros urbanos — poucas edificações merecem o qualificativo de obra arquitetônica. Raros são os filhos dessas metrópoles que tenham noção exata da hierarquia espiritual dessas duas profissões correlatas: a do Arquiteto e a do Construtor. Por isso, quando algum deles pensa fazer casa, ou palacio, não procura, preliminarmente, o Arquiteto: corre direto a varias firmas "construtoras" e lhes pede projeto e preço de execução. Ora, por via de regra, os que labutam na industria das empreitadas cuidam de arranjar, sem perda de tempo, com o auxilio de méros desenhistas ou de arquitetos submissos, o "risco" que lhes permita dar inicio á construção — o que lhes interessa sobremodo.

Por outro lado, ao proprio arquiteto que exerce a sua verdadeira profissão, que trabalha como projetista, não é dado abstrair do meio em que vive; as suas obras espelham sempre, de modo flagrante, o estado social. Segundo um chavão muito sedição, o arquiteto é o mais dependente e o menos individualista de todos os artistas. Consequentemente, si a cultura indígena deixa bastante a desejar em tudo quanto não se aprenda pelo correio, como sejam as artes e o bom gôsto; si aos nossos colegas falta o essencial — o cliente educado; si os edifícios públicos revelam, de modo inequívoco, ausencia de senso estético, (para não dizer de senso comum) nas camadas dirigentes, é fóra de duvida que o "modus vivendi" do arquiteto brasileiro é pouco animador. Só as naturezas enérgicas, viceralmente idealistas, não transigem, não capitulam, em face da resistência com que deparam; quando muito, procuram ganhar a vida, modesta mas honradamente, fóra da profissão com que sonharam.

Esse panorama do ambiente brasileiro é impressionante, não ha como negar. Todavia, não lhe emprestamos uma realidade exagerada.

A nosso ver, a situação que acabamos de pintar apresenta sensível melhoria nesses ultimos anos. Basta notar que o curso escolar, outrora em completo abandono, tem, hoje, um bom corpo de professores e de alunos. Também é bastante sintomático o acréscimo notório na importação de revistas e livros de arquitetura, urbanismo e construção — de custo, aliás, muito elevado.

Essas observações indubitaveis nos fazem pairar entre pessimistas e optimistas: "tudo cambia de color segun el crystal con que se mira".

No ponto de vista financeiro, tendemos francamente para os que vêm tudo côr de rosa. O que nos faz abeirar, por vezes, da falange dos temerosos é a dificuldade de obter sempre, a tempo e hora, matéria interessante.

E porque esse receio?

Porque aquele panorama, traçado pelos pessimistas, ainda representa a realidade nas suas linhas mestras e nas suas grandes massas. No entanto, "le véritable éssort de l'art exige autant la compréssion des médiocrités, que l'encouragement des superiorités". E "par celà même que l'art doit développer en nous l'instinct familier de la perfection, ses sincères apreciateurs sont vivement choqués de toute faible production" (Auguste Comte).

Destas linhas incisivas se conclue que não seremos os redatores da revista. O nosso papel é mo-